

Estudo publicado em livro

## A mediatização da arquitectura portuguesa vista através do jornal PÚBLICO

Pedro Gadanho é o autor de *Arquitectura em Público*, o primeiro estudo sobre o tratamento da arquitectura na imprensa portuguesa e o papel desta na afirmação da disciplina. Gadanho focou-se no PÚBLICO. Pretexto para debate sobre a responsabilidade dos críticos e dos *media*

Sérgio C. Andrade

● A primeira década e meia de existência do PÚBLICO (1990-2005) coincidiu com o período de afirmação, em Portugal, da arquitectura como uma disciplina mediática. Coincidiu também com a projecção internacional dos principais arquitectos portugueses. No rescaldo do incêndio do Chiado de 1988, houve o Prémio Pritzker para Álvaro Siza (1992), o Prémio Pessoa para Eduardo Souto Moura

(1998), a Expo'98, o Porto 2001, o projecto de Frank Gehry para o Parque Mayer (2003), o Euro 2004, a Casa da Música de Rem Koolhaas (2005)... São os momentos fortes que pontuam o estudo que o arquitecto, professor, curador e crítico Pedro Gadanho realizou sobre os *15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português*, que começou por ser uma tese de doutoramento e agora passou a livro, sob o título *Arquitectura em Público* (ed. Dafne).

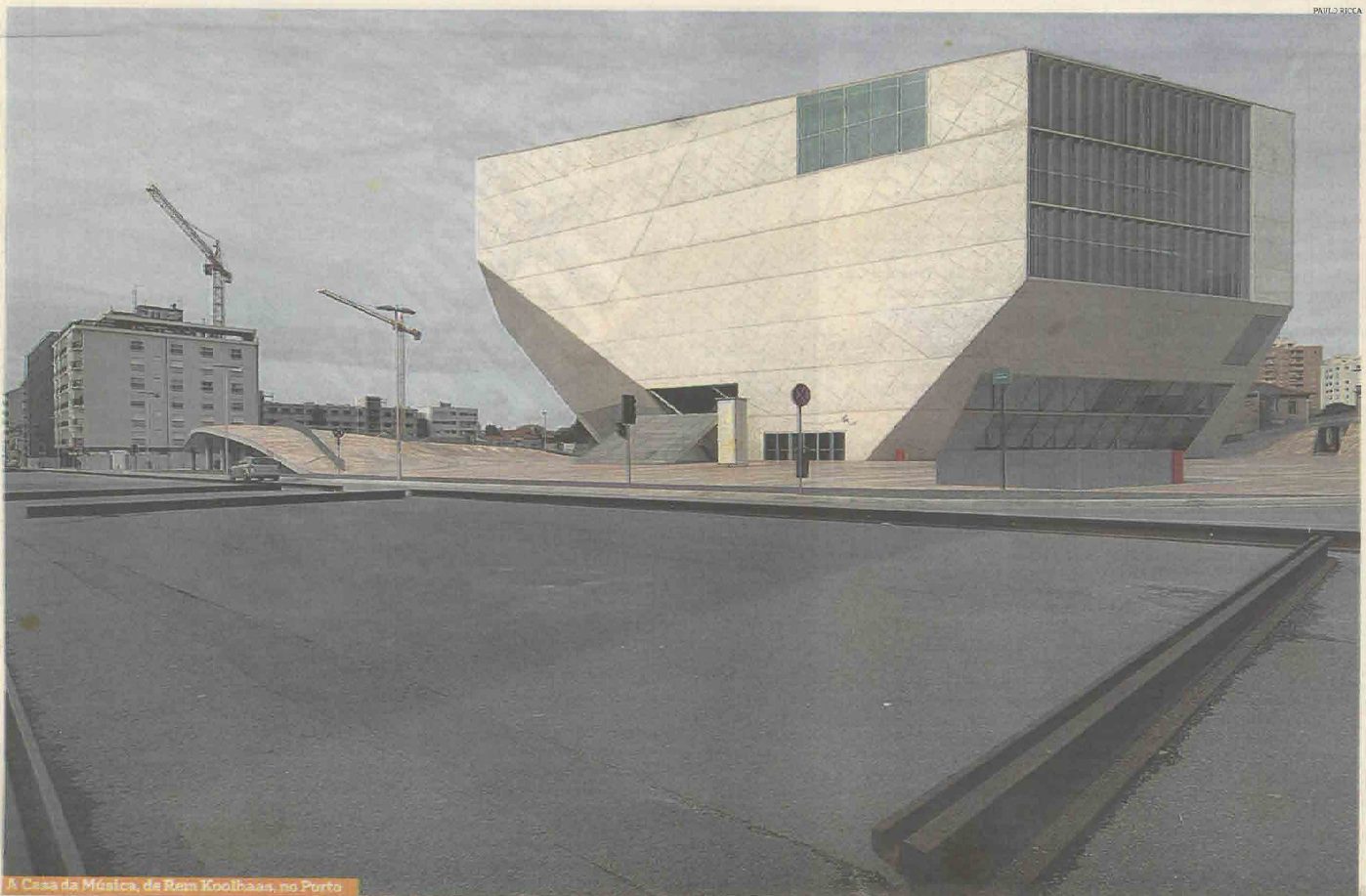
Depois do primeiro lançamento no Porto, na terça-feira, hoje é apresentado em Lisboa, na Fábrica do Braço de Prata, às 18h00, numa sessão em que intervirão, além do autor e do editor - André Tavares -, Nunos Portas e Pedro Barreto (respectivamente autores do prefácio e do posfácio) e a jornalista do PÚBLICO Isabel Salema.

No prefácio, Portas realça o facto de este "estudo singular", o primeiro de sempre sobre

a arquitectura na imprensa portuguesa, de Pedro Gadanho coincidir com "a generalização mediática do surto dos 'arquitectos' já globalizados ou globalizáveis, através de processos de informação privilegiada em cadeias de preferência internacionais".

Na sua introdução, Gadanho considera que "a aparição meteórica da arquitectura no contexto mediático generalista português foi, ela própria, um

mostruário bem abrangente da volatilidade e do funcionamento dos nossos media de massas". E acrescenta que o PÚBLICO foi "uma arena privilegiada para construir uma visibilidade expandida" para a arquitectura. Em primeiro lugar, pela atenção noticiosa que o jornal deu a esta disciplina, logo desde o primeiro número, até à inauguração da Casa da Música - os momentos que balizam o trabalho de Gadanho. Mas também pelo naípe de



A Casa da Música, de Rem Koolhaas, no Porto



críticos que, durante esse tempo, acompanharam nas suas páginas a prática arquitectónica, ajudando a criar nos leitores e na sociedade "um desejo da arquitectura", mas também defendendo estéticas e autores, que - esta é igualmente uma tese de Pedro Gadanh - acabaram por determinar uma uniformização do gosto e legitimar uma certa dinastia de arquitectos, que deixou muitos outros de fora.

Num quadro em que Gadanh contabiliza as vezes que os arquitectos são citados nas páginas do jornal, vê-se que Álvaro Siza saltou de 135 referências em 1991 para 397 em 1998 (ano da Expo); Souto Moura, de 26, também em 1991, para 599 em 2004 (ano do Euro e do Estádio de Braga). Frank Gehry e Rem Koolhaas, que praticamente não "existiam" em Portugal no início dos anos 1990, saltaram, respectivamente, para 452 (em 2003, ano do Parque Mayer) e 238 citações (em 2005, inauguração da Casa da Música)...

### O efeito Álvaro Siza

Jorge Figueira, um dos críticos de arquitectura com colaboração regular no PÚBLICO, esteve no lançamento no Porto, no Cinema Passos Manuel, um cinema-estúdio da década de 1970 cujo projecto de adaptação às funcionalidades de bar e sala de concertos foi assinado por Pedro Gadanh em 2004.

Figueira foi o primeiro a intervir e, durante a sessão, esgrimiu uma animada disputa de opiniões com o arquitecto Pedro Tavares Costa, autor do blogue *Quando as catedrais eram brancas*, e também com o autor do livro. Na mesa estavam ainda o editor André Tavares, como moderador, e o arquitecto e historiador Paulo Varela Gomes.

Jorge Figueira começou por afirmar-se "relativista e inclusivista", notando que lhe interessava "somar gerações" e criar "um espaço de convergência", que torne a arquitectura portuguesa mais inteligível. Sobre a criação desse corpo dominante constituído pelas figuras mais mediatizadas, Figueira referiria o desequilíbrio introduzido por "dois pesos pesados": Álvaro Siza e Souto Moura. "Nós resgatámos essas